

Acordo com credores pode sair na segunda

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Brasil e bancos credores estão às vésperas de assinar um amplo acordo sobre a dívida externa, envolvendo a capitalização de US\$ 6 bilhões de juros de 87 e 88, **spread** (taxa de risco) de 0,8125 acima da Libor (igual à conseguida pelo México), uma total reestruturação das linhas comerciais para US\$ 15 bilhões (US\$ 1 bilhão a mais do que atualmente) e finalmente um acordo amplo sobre conversão da dívida em capital de risco pelos bancos credores. Estas informações foram transmitidas a O GLOBO por uma fonte que participa das reuniões do comitê de representantes dos credores do País, em Nova York.

A data mais provável da divulgação deste acordo é a próxima segunda-feira, quando do retorno do Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, a Nova York. Na ocasião, o Brasil pagaria cerca de US\$ 580 milhões dos juros de janeiro aos bancos. Ainda não está decidido quando serão pagos os juros de fevereiro, que chegam a US\$ 200 milhões.

— É um pacote complexo. Não dá para olhar só para o montante a ser capitalizado. É preciso ver o conjun-

to que envolve uma redução no **spread**, um aumento dos financiamentos para as exportações e a conversão da dívida. Alguns pontos ficarão em aberto, como o acerto do Brasil com o FMI e Clube de Paris. Mas é melhor que o Brasil pode conseguir no momento. Talvez no ano que vem o País consiga algo melhor dependendo de como se sair a economia brasileira este ano — disse o banqueiro a O GLOBO depois de mais uma reunião entre o comitê credor e o BC, representado pelo Diretor da Dívida Externa, Antonio de Pádua Seixas, e pelo Diretor de Operações Internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva.

O acerto com os credores apresentará um fluxo de caixa negativo para o Brasil da ordem de US\$ 8,7 bilhões este ano sendo que US\$ 7,5 bilhões serão pagos aos bancos (US\$ 6 bilhões de juros deste ano mais US\$ 1,5 bilhões do ano passado; destes US\$ 500 milhões de 87 já foram pagos). O fluxo também será de US\$ 700 milhões negativos nos desembolsos do Banco Mundial, com o País pagando à instituição US\$ 1,8 bilhão para receber US\$ 1,1 bilhão, e até com o FMI, onde o Brasil deve US\$ 1,25 bilhão, recebendo apenas US\$ 750 milhões. No entanto, o País pode-

rá beneficiar-se com um retorno do seu crédito no exterior; e não está descartada a possibilidade de um aporte de recursos do Eximbank japonês e do Eximbank americano, que poderia chegar a alguns bilhões de dólares, em vista da mudança da postura do Governo brasileiro nas negociações.

Em Nova York, as linhas comerciais serão renovadas até junho, mas os gerentes dos bancos brasileiros já não estão preocupados com as linhas como estavam antes do acerto, já que esperam que volte um fluxo normal e voluntário de investimentos ao Brasil com o País voltando a pagar juros em dia. “O crédito do Brasil está refeito.

— Esperamos também uma queda no **spread** para 1% acima da Libor ou, no máximo 1,25%, mas não 1,75% como vínhamos pagando por causa da incerteza que o Brasil representou no mercado durante todos estes meses — disse a O GLOBO um gerente de um grande banco brasileiro em Nova York.

No final da tarde de ontem, o Porta-Voz do Citibank, Richard Howe, disse que ainda não estava decidido se banqueiros e representantes do Brasil iriam se reunir durante o fim de semana.